

AS PRÁTICAS EDUCACIONAIS AMBIENTAIS DO JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO

Isis Tatiana Borges Jordão Braga¹
Milena Goulart Souza Rodrigues²
Gabriel da Silva Lopes³
Suelen Ferreira Matoso Couto⁴

Educação Ambiental

Resumo

A forma desarmônica como as sociedades contemporâneas se relacionam com o meio ambiente, vem produzindo uma série de impactos ambientais que atinge cada vez mais a capacidade que o ambiente tem de suportar estas intervenções. Diante dessa realidade, justifica-se a elaboração do presente trabalho como forma de divulgar e incentivar a consolidação de iniciativas que buscam refletir sobre Educação – Meio Ambiente – Sociedade, sob uma perspectiva relacional e crítica. Portanto, busca-se relatar algumas atividades realizadas pelo Serviço de Educação Ambiental (SEA) do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (JBRJ) cujo foco é colaborar para formação de indivíduos críticos e ambientalmente conscientes. Para o presente trabalho utilizou-se todos os registros, virtuais e físicos, de atividades realizadas entre o período de 2017 a 2019, bem como artigos e trabalhos desenvolvidos pela equipe de educação do JBRJ. Valores numéricos referentes ao número de público foram trabalhados na forma de gráficos, com uso do software Excel. As atividades obtiveram número significativo de participantes e são necessárias ações como estas para a conscientização da população. Para a construção de um novo patamar societário e de existência integrada às demais espécies vivas, precisa-se superar as formas de alienação que propiciam a dicotomia sociedade-natureza. Nesse sentido, é primordial que outros meios de educação não formal mergulhem nessa proposta, difundindo ainda mais a educação ambiental como principal ferramenta para um desenvolvimento sadio e sustentável.

Palavras-chave: Educação não formal; Meio Ambiente; Socioambiental.

¹ Prof^ª. Me. Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro – Diretoria de Ciência, Ambiente e Tecnologia (DICAT), isistatiana@jbrj.gov.br

² Me. Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro – Diretoria de Ciência, Ambiente e Tecnologia (DICAT), milena@jbrj.gov.br

³ Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro – Diretoria de Ciência, Ambiente e Tecnologia (DICAT), gabrielfrenner@gmail.com.

⁴ Me. Aluna de doutorado no Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais e Conservação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade-NUPEM, suelennattoso@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Além do importante papel na conservação da flora, os jardins botânicos desempenham também papel na educação não formal. A conservação de mãos dadas com a educação é a melhor forma de trabalhar uma minimização dos impactos antrópicos sobre o meio ambiente, assim os jardins botânicos podem ajudar a população a enxergar o meio em que vivem de forma diferente, como um meio que precisa de proteção e atenção. As Normas Internacionais de Jardins Botânicos para a Conservação visam criar uma estrutura global para jardins botânicos. De acordo com estas normas, os jardins botânicos devem funcionar, também, como um espaço para a educação e sustentabilidade, providos de educadores e programas de educação ambiental.

O Ministério do Meio Ambiente no Brasil, dentre outras atribuições, busca fomentar a criação de programas que visam assegurar, a integração equilibrada das múltiplas dimensões da sustentabilidade - ambiental, social, ética, cultural, econômica, espacial e política - ao desenvolvimento do País.

Segundo a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), Lei nº 9795/1999, em seu art. 1º, a Educação Ambiental pode ser entendida como os processos nos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

É necessário avançar na construção de práxis que fundamentem os projetos educativos. A concepção crítica e emancipatória deve ser baseada na educação dialógica, utilizando referências locais, comunitárias ao longo do processo educativo, com a identificação dos desafios de nossa sociedade.

Atualmente é consenso que a gravidade dos problemas ambientais decorre de um modelo de desenvolvimento econômico de forte impacto ambiental e que a educação ambiental é uma importante ação para a superação dos problemas vividos em sociedade. Portanto, de acordo com Guimarães (2006), em uma proposta crítica de educação ambiental trabalha-se com uma visão sistêmica de meio ambiente, compreendido em sua totalidade complexa

como um conjunto no qual seus elementos se inter-relacionam, entre as partes e o todo, em uma interação sintetizada no equilíbrio dinâmico, como o existente no espaço natural.

O Jardim Botânico do Rio de Janeiro (JBRJ) é uma instituição federal voltada para a pesquisa botânica, vinculada ao Ministério do Meio Ambiental, e de grande importância internacional. Em 1992 foi criado o Serviço de Educação Ambiental (SEA) do Instituto de pesquisas do JBRJ que conta com uma equipe multidisciplinar tendo como objetivo formar sujeitos críticos com base na conservação da biodiversidade e sustentabilidade socioambiental, visando a transformação para uma sociedade mais justa e sustentável.

Além de atendimento às escolas, o SEA/JBRJ realiza cursos de capacitação voltados para professores, para que os mesmos possam guiar seus alunos durante passeios. A equipe desenvolveu, também, projetos como a Trilha das águas e Trilha das plantas ameaçadas, firmando seu papel na conservação das espécies botânicas e da fauna. Objetiva-se com este trabalho relatar algumas atividades realizadas pelo serviço de educação ambiental do JBRJ e sua importância na formação de indivíduos críticos e ambientalmente conscientes.

METODOLOGIA

Para o presente trabalho utilizou-se todos os registros, virtuais e físicos, de atividades realizadas entre o período de 2017 a 2019, bem como artigos e trabalhos desenvolvidos pela equipe de educação ambiental do JBRJ. Valores numéricos referentes ao número de público foram trabalhados na forma de gráficos, com uso do software Excel. O público presente será dividido em crianças de idade escolar (até 17 anos) e adultos (maiores de 17), que inclui, também, parentes e professores.

Serão relatados neste trabalho os eventos do dia mundial da água, da Amazônia, da árvore e semana do meio ambiente. Além destes, também, falaremos sobre atividades permanentes no programa de educação ambiental, como a trilha histórico-ecológica Conhecendo Nosso Jardim.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Além de dispor de uma programação fixa que trabalha de forma multidisciplinar as questões ambientais, o programa educativo aproveita datas comemorativas e feriados para realizar trabalhos mais direcionados, já que há uma grande procura dos pais por atividades para crianças em feriados, por exemplo.

No dia 22 de março se comemora o Dia mundial da água, pensando nisso o educativo elaborou, em 2018, atividades que consistiam em experimentos, maquetes esquematizando o tratamento de água e uma discussão sobre a importância da água. Neste recebemos um jornalista da China a fim de registrar as atividades para exibição em uma emissora chinesa, sendo de extrema importância na divulgação do trabalho realizado no JBRJ, além de gratificante. No ano seguinte a atividade deu lugar à trilha das águas, que percorria um percurso chamado de “Caminho da Mata Atlântica” e que termina no Aqueduto da Levada, construído em 1853. Nesta foi abordada, através de uma caminhada pelos principais componentes da Mata Atlântica, a relação íntima entre este bioma e a água, seja no abastecimento, regulação de rios ou reservatórios subterrâneos, formados a partir de chuvas. Ambas as atividades obtiveram público em torno de 40 - 60 pessoas, sendo a trilha da água maior em número de crianças e o Dia da água o oposto (Fig. 01).

Para comemorar o dia do meio ambiente (5 de Junho) a equipe planejou uma semana inteira com atividades como roteiro botânico, visita aos laboratórios, herbário, oficina de herborização de plantas. Uma trilha também foi realizada compartilhando o conhecimento indígena sobre as plantas, seus usos e significados.

A Amazônia, maior floresta tropical e um dos patrimônios naturais mais valiosos do mundo, tem como data comemorativa o dia 5 de setembro, dia usado, em 2018, pelo Educativo para realizar um passeio pela Região Amazônica do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, passando pelas principais espécies vegetais e estimulando a percepção do público

em relação às mudanças de vegetações. Nesta atividade foi, também, abordada a relação das populações ribeirinhas com o bioma. Neste dia contamos com a presença de uma turma de rede pública, de 42 alunos e 4 professores.

Algumas atividades são direcionadas para o público infantil, aproveitando, também, para atingir os adultos. A programação de férias na Restinga é um exemplo, os menores de idade comparecem acompanhados dos responsáveis e assim é possível atingir, também, os adultos. No dia das crianças foi realizado um teatro de fantoches sobre a história “Mogli, o menino lobo”, introduzindo o tema relação entre homem e ambiente. Fora também realizado uma pequena trilha passando por algumas espécies ameaçadas de extinção, como o Pau-Brasil. Aproveitando o período de férias e a grande procura do Jardim Botânico por pais e filhos, a equipe desenvolveu uma atividade focada no bioma da Restinga, a fim de ressaltar sua importância e apresentar o canteiro, recentemente reformado, para o público através de uma atividade lúdica e de reconhecimento de elementos comuns da Restinga.

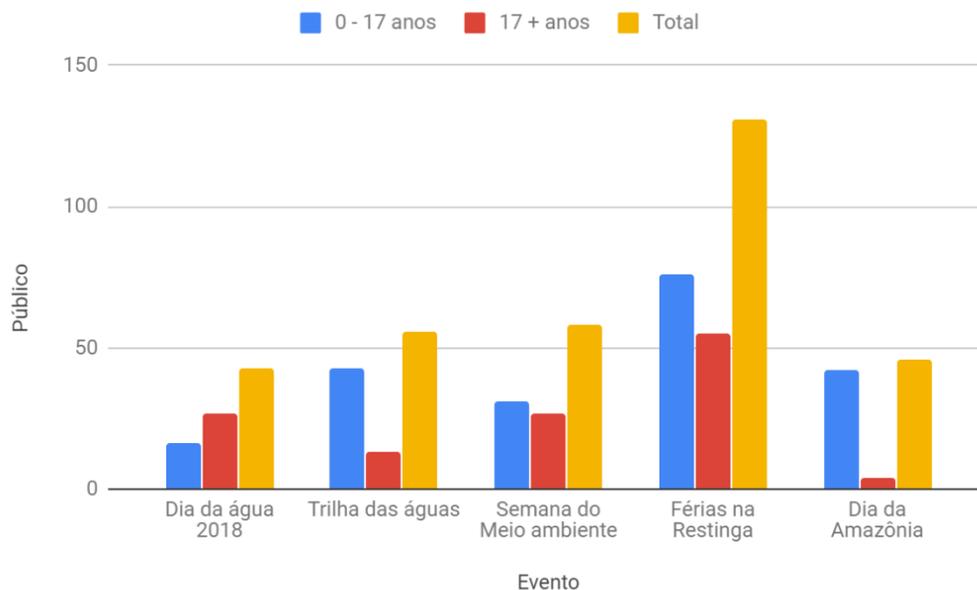


Fig. 01: Número de participantes nas atividades desenvolvidas pelo setor de educação ambiental do JBRJ.

A função dos jardins botânicos e museus na educação ambiental é fundamental para que

não se torne apenas mais um item na grade curricular, já sobrecarregadas, de escolas (KRASILCHIK, 1958). O desenvolvimento das trilhas pelo Jardim Botânico foi essencial para um maior aproveitamento das condições oferecidas pela enorme área, propiciando uma melhor experiência em educação ambiental. Esse tipo de atividade compõe uma proposta alternativa à educação tradicional, mais interativa e mais inclusiva, permitindo maior participação do espectador. As trilhas, ainda, ao abordarem transversalmente o tema do meio ambiente, também abordam temas como história, geografia e artes.

A interação do público com o meio ambiente, ao invés de por fotos e vídeos, é a melhor forma de sensibilizá-los e trabalhar sua percepção do meio. É importante que haja esse contato para que o público se sinta mais próximo do meio ambiente e, assim, parte dele.

A integração da temática ambiental e desenvolvimento ecológico com outros campos, como história, geografia e sociologia é essencial para que haja melhor entendimento e que o público consiga enxergar que, assim como uma teia alimentar, tudo está conectado. Mudanças ambientais impactam culturas, economia, turismo e outras áreas. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (MEC/SEF, 1998, p.29) determina que a educação ambiental seja ensinada de forma interdisciplinar, através da transversalidade, passando pelas outras disciplinas curriculares e é aqui que mora um dos maiores desafios da EA. Os espaços de educação não formal são importantes nesse quesito, pois podem trabalhar esta questão de maneira mais livre e não como uma disciplina curricular.

A educação ambiental no JBRJ utiliza-se dessa liberdade e de uma equipe multidisciplinar para tratar as questões ambientais com toda sua multidimensionalidade, onde não há barreiras entre biologia, história, sociologia, artes ou filosofia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Ambiental é uma ferramenta de grande importância na conservação, proporcionando um desenvolvimento mais consciente e sustentável. Ações como as aqui relatadas impactam positivamente a sociedade, chamando a atenção do público para problemas que parecem simples quando não explorados de forma holística e englobando todas as áreas e possibilidades envolvidas.

O modelo de Educação Ambiental praticado aproxima os problemas sociais dos ambientais e não os distancia ou omite. Busca, portanto, intensificar ações que promovam a percepção dos impactos da ação humana sobre o meio ambiente, colaborando para construção de consciência mais ampla a respeito dos efeitos negativos da perda da biodiversidade, além de motivar os visitantes a participarem de um ciclo de desenvolvimento sustentável. Dessa forma, o processo fomenta vivências de diálogo e partilha de experiências, construção de outras *práxis* sócio pedagógicas e de aprendizado mútuo, superando os limites e maximizando as potencialidades.

REFERÊNCIAS

GUIMARÃES, Mauro. Os caminhos da Educação Ambiental: da forma a ação. Campinas: Papyrus, 2006.

KRASILCHIK, M. Educação na escola brasileira – passado, presente e futuro. Rev. Ciência e Cultura v. 38, n. 12 dezembro de 1986.

MEC/SEF (Secretaria da Educação Fundamental/MEC). Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas Transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

PNEA. Presidência da República, Casa Civil – Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: < <http://www2.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=321/>> Acesso em 16 de Junho de 2019.